

As feiras livres: um estudo sobre a comercialização de pescado nas áreas urbanas do município de Macapá-AP**The free trade fairs: a study on the marketing of fish in urban areas of the municipality of Macapá-AP**

DOI:10.34117/bjdv6n10-099

Recebimento dos originais: 08/09/2020

Aceitação para publicação: 06/10/2020

Juliana Barros da Mota

Engenheira de Pesca, mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá,
E-mail: engdepescaap@gmail.com

Simone Dias Ferreira

Cientista Ambiental, mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá,
E-mail: simonedias.ferreira@hotmail.com

Úrsula da Silva Morales

Engenheira de Pesca, mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá,
doutoranda em Zootecnia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
E-mail: usmpesca@gmail.com

RESUMO

Este estudo objetivou fazer um levantamento da atual situação dos vendedores de pescado das feiras livres de Macapá, trazendo informações importantes sobre os principais problemas enfrentados pelos vendedores de pescado nas feiras do Buritizal, Novo Horizonte, Perpétuo Socorro e Pacoval, enfatizando a respeito da contribuição dessas feiras para a geração de emprego e renda no município de Macapá. A estrutura do estudo fundamentou-se em pesquisas bibliográficas, quanti-qualitativa com pesquisa de campo para levantamento de dados necessários a análise da atual situação das feiras livres de Macapá. Os resultados do trabalho mostram que existe uma diversidade de problemas neste espaço com ênfase para os relacionados à infraestrutura, geração e descartes de resíduos, falta de apoio governamental e segurança pública. Também pontou-se os benefícios gerados como promoção de emprego e renda para as famílias que tem na atividade de comercialização do pescado a única fonte de renda.

Palavras-chave: Feirantes, comercio, peixe, socioeconomia, hábito alimentar.

ABSTRACT

This study aims to present a survey of the current situation of fish sellers at Macapá free trade fairs, providing important information about the main problems faced by fish sellers at Buritizal, Novo Horizonte, Perpétuo Socorro and Pacoval fairs, and emphasizing the contribution of these Fairs for the generation of employment and income in the municipality of Macapá. The structure of the study was based on quantitative-qualitative bibliographical researches with field research to collect data necessary to analyze the current situation of Macapá's free trade fairs. The results of the study show that there is a diversity of problems in this space with emphasis on those related to infrastructure, waste generation and discards, lack of government support and public safety. The benefits generated as employment and income generation for the families that have the commercialization of the fish are the only source of income.

Keywords: Free Fair, fish sale, Macapá.

1 INTRODUÇÃO

As feiras foram criadas com o intuito de promover a comercialização dos produtores rurais diretamente ao consumidor, sem que existisse a presença de intermediários (FARIAS, et al., 2007). Elas são espaços territoriais tradicionais de comercialização de diversos tipos de produtos, representam recintos de interação para as pessoas e também se configuram em ambientes de desenvolvimento socioeconômico. Caracterizam-se como espaço com alta complexidade de gestão devido à diversidade de interações existentes.

Em se tratando de comercialização de produtos em feiras livres nas áreas urbanas é possível elencar aspectos importantes tais como: oferta de uma diversidade de produtos, facilidade de comparação da qualidade e de preços dos produtos, além de serem locais de lazer, de troca de informações, articulações políticas ou simplesmente diversão (COUTINHO et al., 2007; DOLZANI; JESUS, 2004).

Apesar de representarem uma série de benefícios às feiras livres também possuem alguns aspectos negativos. Os principais são a falta de higienização do local de trabalho, estrutura precária das barracas, comercialização de produtos ausentes de autorização, ausência de segurança e organização, fatores estes que dificultam a sua manutenção e permanência já que ferem as normas da Vigilância Sanitária (COUTINHO et al., 2007).

Considerando a comercialização de produtos de origem animal nas feiras livres o que vem a ser o foco deste estudo observa-se que normalmente ocorrem de forma incorreta, ou seja, os produtos são expostos sobre as barracas, a mercê de poeira e insetos, sem a refrigeração adequada (CORREIA; RONCADA, 1997). Esses são fatores de risco, pois possibilitam a contaminação do produto que ao ficar exposto pode ser infectado por microrganismos presentes no ambiente.

Os problemas destacados em sua maioria resultam da falta de planejamento adequado para organização dos ambientes de comercialização e armazenamento dos produtos nas feiras e por consequência não conseguem atender o mínimo de sanidade necessária para a comercialização de produtos dos produtos.

Portanto, ressalta-se que a importância da identificação dos problemas evidenciados nas feiras livres vai além da simples identificação de tais obstáculos. Enfatiza-se a necessidade de um modelo de planejamento urbano e territorial que de fato considere toda a complexidade desses espaços sua relevância para o desenvolvimento socioeconômico local e toda interação existente, bem como, sua importância para geração de emprego e renda para os pequenos produtores com ênfase para os vendedores de pescado.

Nesse sentido, a pesquisa objetivou fazer um levantamento da atual situação dos vendedores de pescado das feiras livres de Macapá. Como objetivos específicos verificar quais os principais problemas enfrentados pelos vendedores de pescado nas feiras do Buritizal, Novo Horizonte, Perpétuo Socorro e Pacoval e qual a contribuição dessas feiras para a geração de emprego e renda no município de Macapá.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 FEIRAS LIVRES

As feiras livres fazem-se presente desde o período colonial, como fontes de abastecimento de alimentos para as cidades brasileiras, tendo sido implantada pelo colonizador e sendo uma importante tradição cultural ibérica (SANTOS, 2005).

Mesmo tendo surgido a partir da transposição de hábitos e costumes dos colonizadores, elas foram de fundamental importância ao longo do século XX, pois foi através destes espaços que ocorreram mudanças na área urbana e industrial, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, promovendo a expansão das feiras que depois dessas duas cidades brasileiras migraram para outras regiões do país, sendo que conforme “aumentava a população, a demanda por abastecimento alimentar se tornava cada vez maior” (SANTOS, 2005. p. 3).

Nesse sentido, as feiras destacam-se pela manutenção e reprodução das suas relações sociais, haja vista, nesses ambientes existirem variados sujeitos, com características e funções diferentes, que vão desde os feirantes, clientes assíduos a frequentadores esporádicos, os quais tornam a feira um lugar com “diferentes representações sociais e significados” (LELIS et al., 2010. p. 8).

Dentro desse contexto os feirantes, detêm um papel de relevante importância, já que são eles que introduzem os produtos rurais nos espaços urbanos, independentemente se este é produtor agrícola ou não (VEDANA, 2013). Em seus estudos Coutinho et al. (2007, p. 1-2) relata que:

A grande variedade de produtos e a diversidade nos preços se destacam entre os fatores que viabilizam as feiras livres como relevante canal de comercialização. A concentração de comerciantes em um único lugar resulta numa concorrência que apresenta impacto positivo na qualidade, na quantidade e nos preços dos produtos, atraindo grande número de consumidores. (COUTINHO et al., 2007. p. 1-2)

Consumidores de variados tipos, desde os que possuem maior poder de compra até os que possuem baixa renda, e para estes intensifica-se a importância das feiras, em razão dos preços estabelecidos, disponibilidade de produtos populares e pela facilidade de acesso (COUTINHO et al., 2006).

Morais e Araújo (2006, p. 247) portanto, descrevem esse ambiente da feira como sendo um espaço de:

[...] conversas, das tradições, dos encontros, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, das jocosidades, das performances corporais e orais, enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos. (MORAIS; ARAÚJO, 2006. p. 247)

Para muitos desses trabalhadores as feiras constituem-se como a sua principal fonte de renda ou como complemento do salário, caracterizando-se como relevante fonte de renda (COUTINHO et al, 2006 apud VIEIRA, 2004) não apenas para os feirantes mais para outros trabalhadores como os flanelinhas, taxistas, vigilantes, carregadores que são beneficiados pelo movimento nos dias de feira (COUTINHO et al., 2006).

2.2 CONTRIBUIÇÃO DAS FEIRAS LIVRES PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

Historicamente os povoados surgiram em torno das grandes feiras de comercialização, por conta da necessidade dos comerciantes de reduzir as distâncias de deslocamentos para compra e venda de produtos e assim, estruturam-se grandes povoados que posteriormente deram origem às cidades. Logo, as feiras tiveram um importante papel para a manutenção das cidades e do próprio capitalismo (SILVA et al., 2010).

As feiras urbanas são espaços territoriais tradicionais de comercialização de diversos tipos de produtos, representam recintos de interação para as pessoas e também se configuram em ambientes de desenvolvimento socioeconômico. Para Mascarenhas e Dolzani (2008) as feiras são lugares que compõem diferentes grupos sociais que trabalham, consomem e realizam formas culturais.

No Brasil, as feiras são presentes em quase todas as cidades e são geralmente frequentadas pela população local e circunvizinhas (SILVA et al., 2010). Em se tratando de desenvolvimento local as feiras são os espaços de escoamento do que é produzido principalmente pela agricultura familiar, fator importante para fomentar a comercialização de produtos do mercado local estimulando o crescimento econômico interno.

Conforme explicam Santos, Ferreira e Santos (2014 p.688).

As feiras livres podem ser consideradas a expressão de um complexo de relações sociais e econômicas que ocorre dentro de um determinado espaço público. Ela apresenta uma relevância irrefutável principalmente no nordeste brasileiro por ser a única fonte de renda

de inúmeras famílias que por fatores diversos, não conseguiram se inserir no mercado de trabalho via empregos, sendo a feira livre, em seu rico complexo de atividades uma das poucas alternativas de sobrevivência.

As feiras livres além de ser uma alternativa de geração de renda para muitas famílias contribuem com a economia de municípios que não contam com a presença de grandes indústrias em suas áreas territoriais o que torna a manutenção desse tipo atividade fundamental mesmo sendo tal atividade praticada em sua maioria de modo informal.

Sales, Rezende e Sette (2011) ratificam que as feiras livres compreendidas como um negócio podem ser trabalhadas como instrumento dentro das políticas públicas geradoras de emprego e renda para os municípios. O desenvolvimento desses canais de comercialização tem reflexos diretos na valorização do pequeno produtor e comerciantes locais.

Portanto, a feira livre se torna significativa para o desenvolvimento local quando se configura em um canal de comercialização com cadeia produtiva local que forma uma rede de compra e venda com diversidade de produtos regionais e gera oportunidades para os que não conseguem trabalhos em outros setores da economia. Neste sentido, organizar esse espaço garantido sua melhoria é importante para o comércio local, assim como, a criação de planos, projetos e políticas públicas que possibilitem a sobrevivência das feiras.

2.3 A COMERCIALIZAÇÃO DE PESCADOS NAS FEIRAS LIVRES

De acordo com o Art. 438 da Regulamentação de Inspeção Industrial Sanitária de Produtos de Origem Animal – RIISPOA (BRASIL, 1952), “pescado” compreende os peixes, crustáceos, moluscos, anfíbios, quelônios e mamíferos de água doce ou salgada, usados na alimentação humana. E no seu Art. 439 §1º, denomina-se peixe “fresco” o pescado dado ao consumo sem ter sofrido qualquer processo de conservação, a não ser a ação do gelo, mantendo seus caracteres organolépticos essenciais.

O peixe é um alimento de alto valor nutricional pelo seu elevado conteúdo de proteínas, vitaminas, ácidos graxos essenciais e sais minerais, portanto, torna-se de suma importância para a dieta da população (PINTO et al., 2011) e é consumido em grande escala pelo homem que ainda depende do extrativismo para usufruir deste recurso.

Segundo o Ministério da Pesca e Agricultura (2009), o consumo per capita de pescados no Brasil é de 9,03 Kg/ano, índice considerado baixo em relação ao recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que é de 12 Kg por pessoa por ano. Por ser altamente perecível, exigem

muitos cuidados especiais, desde a manipulação até a comercialização, passando por armazenamento, conservação e transporte.

Boa parte destes recursos são oriundos da atividade da pesca artesanal, a principal atividade de subsistência, onde o pescado capturado representa de 50 a 68% de toda a proteína que ocorre na uniformidade dos municípios, envolvendo diretamente os pescadores e feirantes, principal responsável pela comercialização (LIMA et al., 2010).

Algumas peculiaridades fazem das feiras livres um ambiente de comercialização singular, que atrai milhares de consumidores atualmente. Dentre elas, é o principal local de comércio de alimentos no varejo, incluindo o pescado, como ocorre em inúmeras cidades brasileiras (ARAUJO et al., 2015).

As feiras apresentam-se ainda como um canal de produtos diferenciados, cuja produção é feita a partir de métodos quase “artesanais”, o que não acontece na produção em escala feita pelos grandes proprietários, que abastecem os demais canais de comercialização. Assim, as possibilidades de encontrar produtos naturais a preços mais acessíveis representam um atrativo para as feiras, cuja oferta de alimentos de alta qualidade, sem agrotóxicos, sem aditivos químicos e produzidos com base no conhecimento acumulado no local, possibilita aos habitantes urbanos terem uma alternativa para melhorar a sua alimentação (RICOTTO, 2002).

Entretanto, estudos relacionados à comercialização, o crescimento e desenvolvimento nestes ambientes, principalmente considerando o pescado, ainda é cerceado pela falta de conhecimento, informação e recursos dos feirantes que, por não possuírem condições de promover suas vendas e atrair clientes, perdem espaço para grandes canais de comercialização (PINTO et al., 2011; YAMAMOTO et al., 2012).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 ÁREA DE ESTUDO

A pesquisa foi realizada nas principais feiras da cidade de Macapá, as quais correspondem a Feira do Buritizal, Novo Horizonte, Pacoval e Perpétuo Socorro (os nomes das feiras correspondem aos bairros onde se encontram) (Figura 1).

Figura 1 – A) Feira do Buritizal; B) Feira do Perpétuo Socorro; C) Feira do Pacoval e D) Feira do Novo Horizonte.



Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

3.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados ocorreu no período de novembro de 2016, nos respectivos horários e dias de funcionamento das feiras (terças, quintas e sábados). Sobre a amostragem a intenção foi de fazer um senso, porém isso não foi possível uma vez que foi respeitado o direito dos que não quiseram participar da pesquisa, assim nas feiras do Buritizal, Perpétuo Socorro e Pacoval alcançou-se 50% da amostra e apenas na feira do Novo Horizonte obteve-se 100% conforme apresenta a tabela 1.

Tabela 1 - Quantitativo de feirantes que participaram da entrevista, por feira.

FEIRAS	Quantidade de boxes/barracas	Responderam a pesquisa
Buritizal	20	10
Perpétuo Socorro	30	15
Pacoval	10	5
Novo Horizonte	10	10

Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

Em prosseguimento foi feita uma pesquisa quanti-qualitativa com coleta de informações a respeito da localização das feiras, dados básicos dos feirantes, os principais problemas enfrentados por eles, a opinião deles quanto a preferência dos clientes pela feira, quantos colaboradores possuem, se essa atividade é sua principal fonte de renda e qual a renda obtida, que órgão é responsável pelo gerenciamento das feiras, se pagam taxas e como avaliam a comercialização de pescado nas feiras atualmente.

Nesta etapa da pesquisa foi feita a aplicação de formulário com perguntas abertas e fechadas para os vendedores de pescado das quatro feiras livres com intuito de obter as informações necessárias para alcance dos objetivos do estudo.

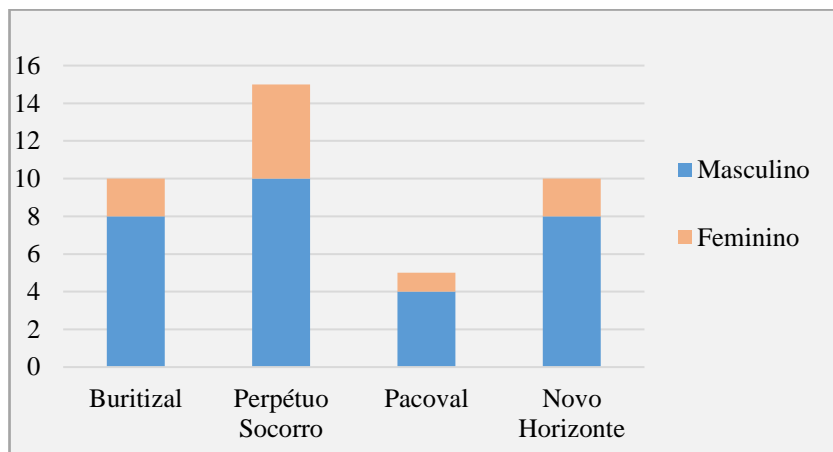
3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Os materiais coletados foram documentados através de fotos e anotações, também foi feito um levantamento bibliográfico para embasar a pesquisa. Os dados obtidos foram tabulados e tratados no programa Microsoft Excel 2010, posteriormente foram construídos gráficos e tabelas a serem apresentados no resultado do trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre o perfil dos entrevistados, com base nos resultados alcançados foi possível observar que a maioria dos feirantes são do sexo masculino, havendo a predominância desse gênero nos postos de trabalho com pescado nas quatro feiras pesquisadas conforme mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Sexo dos entrevistados.

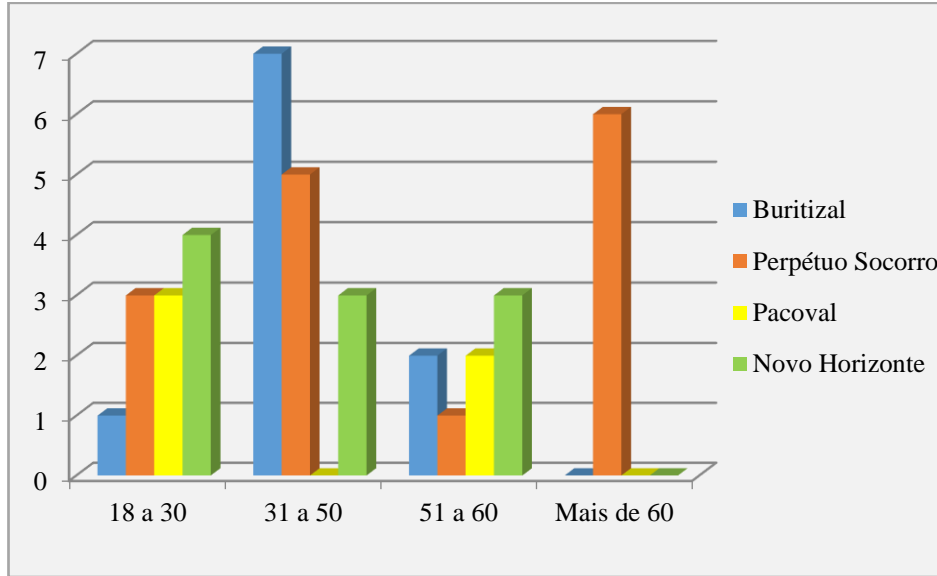


Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

Embora a pesquisa mostre um número inferior de mulheres desempenhando essa função, não quer dizer que a maioria desses trabalhos sejam exclusivamente desempenhados por pessoas do sexo masculino. De acordo com Sousa et al. (2017) o papel das mulheres é considerado fundamental no desenvolvimento da atividade, podendo existir uma divisão de tarefas entre eles.

Quanto à idade, notou-se de acordo com Gráfico 2 que entre os entrevistados, prevalece o grupo de pessoas que estão na faixa etária de 31 a 50 anos, porém o mais interessante é a diversidade existente nas áreas pesquisadas, por exemplo, nas feiras do Buritizal e Perpétuo Socorro são poucos os jovens trabalhando na atividade de comercialização de pescado, diferentemente das feiras do Pacoval e Novo Horizonte onde há predominância desses jovens.

Gráfico 2 - Faixa etária dos entrevistados.

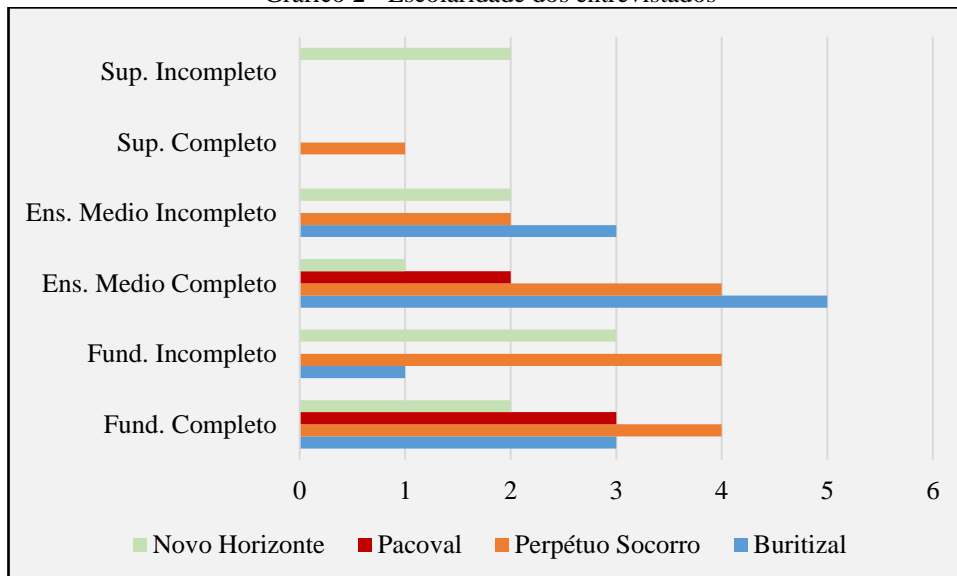


Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

Diferente dos dados sobre faixa etária obtidos nas feiras de Macapá, Oliveira, Sanjinez-Argandoña e Chuba (2014) obtiveram dados de faixa etária significativos a partir dos 50 anos e a presença de 15% de jovens exercendo a profissão, onde de acordo com o autor significa que esses jovens possuem interesse em dar continuidade a atividade realizada até então pelos pais, no entanto, esse mesmo interesse não se reflete nos pais.

A escolaridade dos feirantes identificada na pesquisa é relativamente baixa, principalmente na feira do Pacoval (Gráfico 3).

Gráfico 2 - Escolaridade dos entrevistados

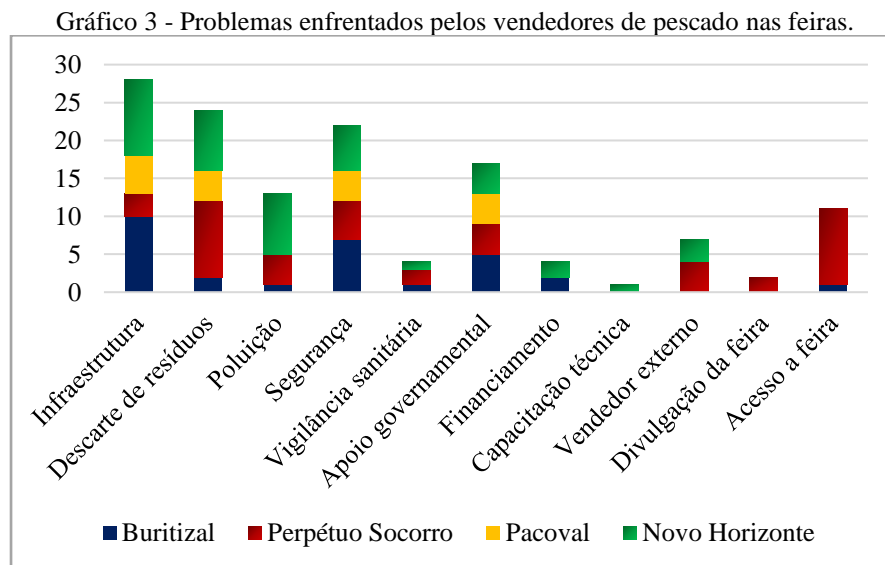


Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

Através de outros trabalhos em feiras livres no Brasil e em Portugal, por exemplo, constatou-se que os feirantes possuem baixa escolaridade, como aponta estudos de Bernardino (2013) onde 39,6% dos entrevistados possuem baixo nível de escolaridade o que no Brasil refere-se ao ensino primário, 24,5% ao segundo ciclo (ensino fundamental), 11,3% ensino secundário (ensino médio) e diferente de Macapá onde foi encontrado 1 feirante com ensino superior e 2 em andamento, em Portugal não foi encontrado nenhum entrevistado com nível superior.

Oliveira, Sanjinez-Argandoña e Chuba (2014) alegam que por essa atividade ser praticada a séculos, passando de geração a geração os feirantes são afetados, onde 38% possuem apenas o 1º grau completo, com idade acima de 50 anos, os quais justificam o não término dos estudos devido a necessidade de ter que trabalhar cedo para sustentar a família.

Dentre os principais problemas enfrentados pelos entrevistados nas feiras estão precariedade das estruturas das feiras (principalmente nas feiras do Buritizal, Pacoval e Novo Horizonte), local de descarte dos resíduos e sua coleta pelo poder público, ausência de apoio governamental, problemas de segurança e dificuldade de acesso à feira do Perpétuo Socorro pelos clientes como apresenta o Gráfico 4.



Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

Os problemas de estrutura qualificam-se nas feiras do Buritizal, Pacoval e Novo Horizonte devido às barracas serem de madeira, abertas sem paredes; com piso de madeira, de chão batido e em poucos casos de concreto; não possuírem banheiros, água de qualidade; o lixo ser recolhido em horários inadequados como ocorre na feira do Novo Horizonte, o qual é depositado por volta das 12

h e só é recolhido pela manhã do outro dia, com o agravante dos moradores dos arredores depositarem seu lixo domiciliar na área de depósito da feira (Figura 2).

Também foi apontado a falta de espaço para trabalhar como ocorre na feira do Perpétuo Socorro, que embora seja de alvenaria, fechada, com água em cada boxe, com local adequado para descarte do lixo, dentre outros fatores que as outras feiras não possuem, a área para o desenvolvimento do trabalho é limitada, fazendo com que os feirantes coloquem as cubas de gelo e alguns freezers fora das barracas próximo dos corredores.

Figura 2 - A) Feira do Novo Horizonte; B) "Lixeira" que fica no fim dessa feira.



Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

Vaz et al. (2003, p. 147) infere que as feiras “caracterizam-se pela produção permanente de resíduos sólidos nos seus setores de venda”, os quais se iniciam desde a recepção, organização dos produtos nas barracas, pelo chão através dos feirantes até os consumidores que ao consumirem lanches, frutas, etc., acabam se tornando também geradores desses resíduos.

Através da observação foi possível identificar que além da precariedade das estruturas das feiras e dos problemas com o descarte e coleta do lixo, também existe a exposição e armazenamento inadequado do pescado, assim como a precariedade na higienização dos utensílios e local de trabalho, assim como na manipulação dos alimentos, uma vez que os produtos são acondicionados em cubas de isopor sujas, sem usar gelo de boa qualidade e mesmo usando, não fazem a higienização das cubas de isopor/geladeiras da forma correta o que pode vim a contaminar o pescado (Figura 3).

Figura 3 - A) Feira do Pacoval - 1. Piso de madeira; 2. Caixas de isopor usadas para conservar o pescado no gelo; 3. Freezer/geladeira usada para conservar pescado e em alguns casos armazenar água. B) Feira do Novo Horizonte - 1. Piso de terra batida; 2. Estrutura de madeira onde os peixes são expostos.



Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

A falta de investimento e melhores condições de trabalho nas feiras parece ser algo comum no Brasil, pois de acordo com Coutinho et al. (2007) as feiras de Solânea e Bananeiras não possuem estruturas adequadas para a comercialização dos produtos, nem abastecimento de água regular; as barracas encontram-se em péssimo estado de conservação, sendo que nessas barracas o pescado é exposto sobre o balcão de madeira sem qualquer tipo de conservação; utilizando cubas de isopor para conservar o pescado, porém o mesmo é sujo e o gelo utilizado não tem procedência segura, o que pode gerar riscos inerentes a contaminação dos alimentos.

Além desses fatores um que se diferenciou na feira do Perpétuo Socorro (Figura 4) das demais feiras foi à reclamação dos feirantes quando ao novo local onde atuam, pois os entrevistados alegam que nesse local os clientes que não possuem transporte próprio sentem dificuldade de acessá-la, já que os transportes públicos não disponibilizam linhas de ônibus para próximo da feira, o que está prejudicando a venda dos produtos, até mesmo atraindo vendedores externos. Este último problema também é enfrentado pelos feirantes do Novo Horizonte, que alegam a diminuição das vendas devido à atividade dessas pessoas nos arredores da feira. Inclusive foi observado que os vendedores dos arredores informam aos clientes que aquele local (a beirada das ruas onde se encontram) são os locais mais próximos que vendem pescado.

Figura 4 - Comparação entre a feira atual e a antiga do Perpétuo Socorro.



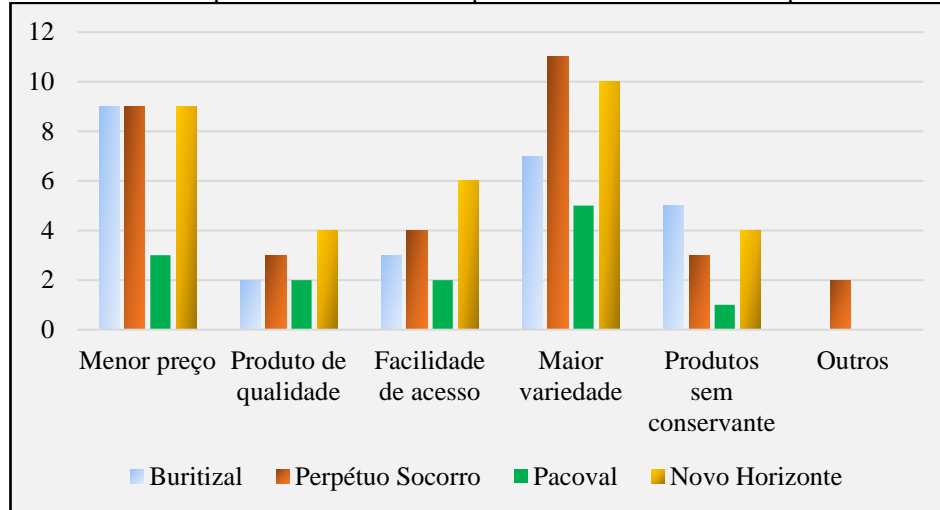
Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

No Brasil o número de empregos informais aumentam a cada ano, e dentro desses empregos estão o ambulantes e as feiras livres, os quais comercializam alimentos prontos ou para serem feitos em casa (SANTOS; FERREIRA; SANTOS, 2014), porém Xavier et al. (2011) relatam que um dos problemas do aumento de feirantes e ambulantes está no fato dessa forma de atividade propiciar uma importante fonte de contaminação, haja vista, as condições precárias de trabalho desses vendedores, o que acaba facilitando a ocorrência de surtos alimentares.

A ausência de apoio governamental as feiras correspondeu a um dos problemas, em que praticamente em todas as feiras foi unânime. Muitos feirantes relataram que durante as eleições as promessas de revitalização das feiras são constantes, porém após as eleições ficam só as promessas e nada da resolução dos problemas.

Ao serem perguntados sobre o motivo dos clientes ainda preferirem as feiras em vez dos supermercados (por exemplo), em sua maioria responderam que isso se devia ao menor preço encontrado nas feiras, variedade de pescado ofertado, a facilidade de acesso a esse produto e apesar de estar contido dentro da opção outros que é “cultura do povo do norte ir à feira” foi um dos itens que mais chamou a atenção em consonância com gráfico 5.

Gráfico 5 – Motivo de preferência dos clientes pelas feiras livres conforme opinião dos feirantes

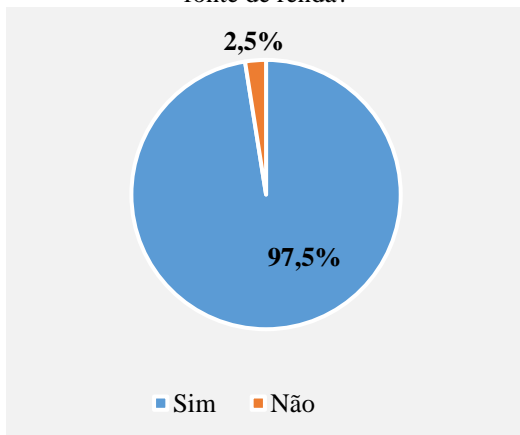


Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

É cultural ir à feira, mais que isso, a feira na percepção de Lima e Câmara (2010) possui grande importância, principalmente para as pessoas de baixa renda, já que nestes locais encontram uma grande variedade de produtos e com preços acessíveis, o que preserva a cultura e as tradições populares ao mediar e favorecer o encontro das mais variadas pessoas dentro de uma comunidade. Outro fator que atrai os clientes é o fato das feiras ofertarem alimentos sem ou com pouco uso de defensivos agrícolas (ROCHA et al., 2010).

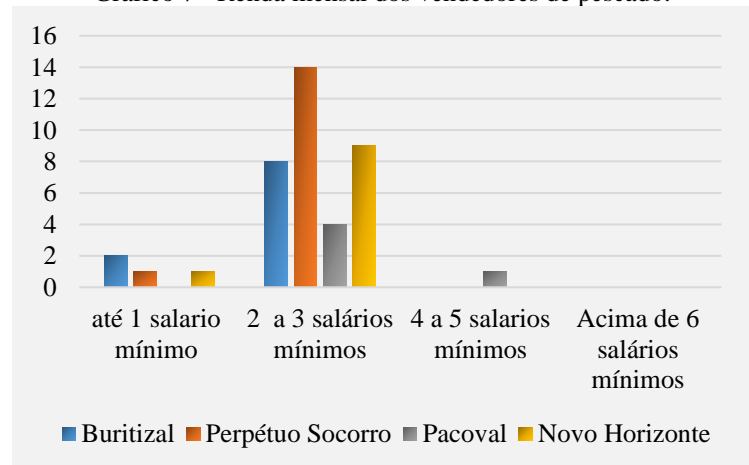
Para 97,5% das pessoas entrevistadas a venda do pescado é sua principal fonte de renda, sendo que a renda mensal de 87,5% desses feirantes é de até R\$ 2.640,00 reais, o qual corresponde a margem utilizada para a entrevista que vai de 2 a 3 salários mínimos como pode ser analisado nos gráficos 6 e 7 respectivamente.

Gráfico 6 – A venda de pescado é sua principal fonte de renda?



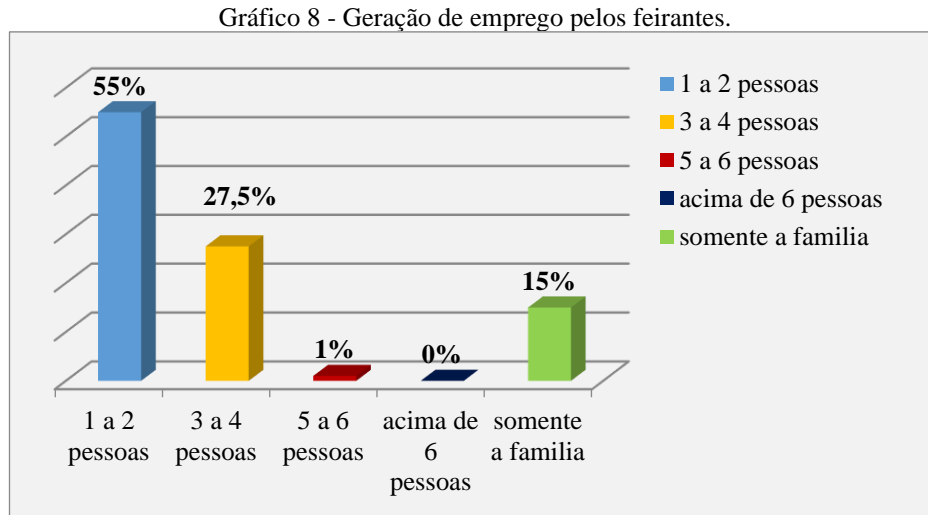
Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

Gráfico 7 - Renda mensal dos vendedores de pescado.



Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

Quanto à geração de emprego, notou-se que 55% dos feirantes vendedores de pescado empregam pessoas externas à suas famílias em seus negócios, no entanto, como de praxe acontecer nesse tipo de atividade a terceira maior porcentagem refere-se à geração de “empregos” para as pessoas da família (gráfico 8).

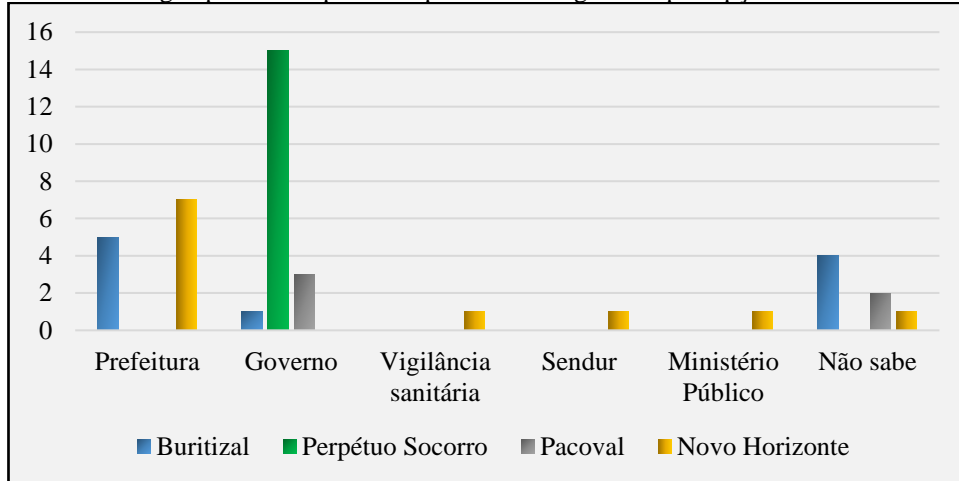


Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

Para Santos, Ferreira e Santos (2014), as feiras possuem importância irrefutável, principalmente para o nordeste brasileiro, a qual é a principal fonte de renda de diversas famílias que por variados motivos não conseguiram adentrar o mercado de trabalho através de empregos, tendo nas feiras sua alternativa de sobrevivência.

Das 40 pessoas entrevistadas, 19 disseram que o governo do Estado é o responsável pela revitalização ou construção das feiras e 7 disse não saber quem é o responsável, já que são eles que fazem a reforma das barracas e pagam os seguros para proteger seus pertences, principalmente nas Feiras do Novo Horizonte e Buritizal (Gráfico 9).

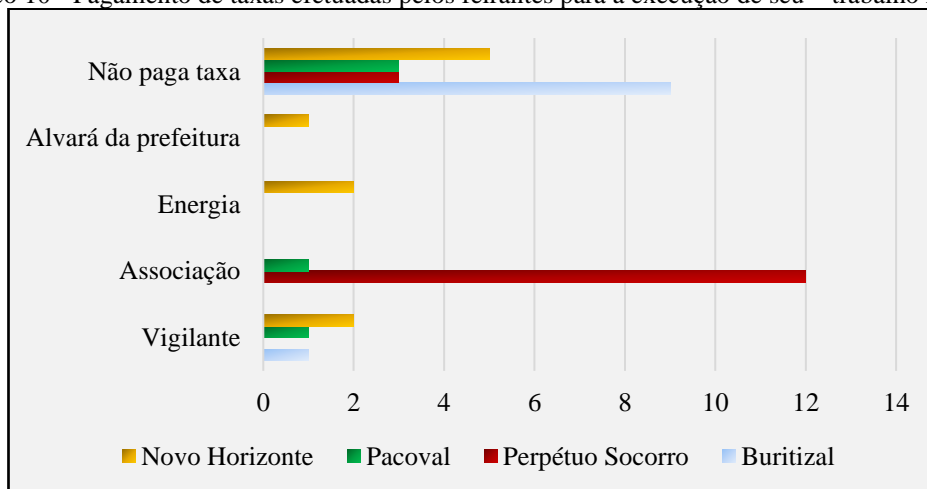
Gráfico 9 - Órgão público responsável pelas feiras segundo a percepção dos entrevistados.



Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

Quando perguntados se pagavam algum tipo de taxa para utilização da área da feira, ou outro tipo de taxa, as opiniões se dividiram, por exemplo, na feira do Perpétuo Socorro a maioria disse que pagava uma taxa para a associação, já na feira do Buritizal a maioria alegou não pagar nenhum tipo de taxa (gráfico 10).

Gráfico 10 - Pagamento de taxas efetuadas pelos feirantes para a execução de seu trabalho na feira.



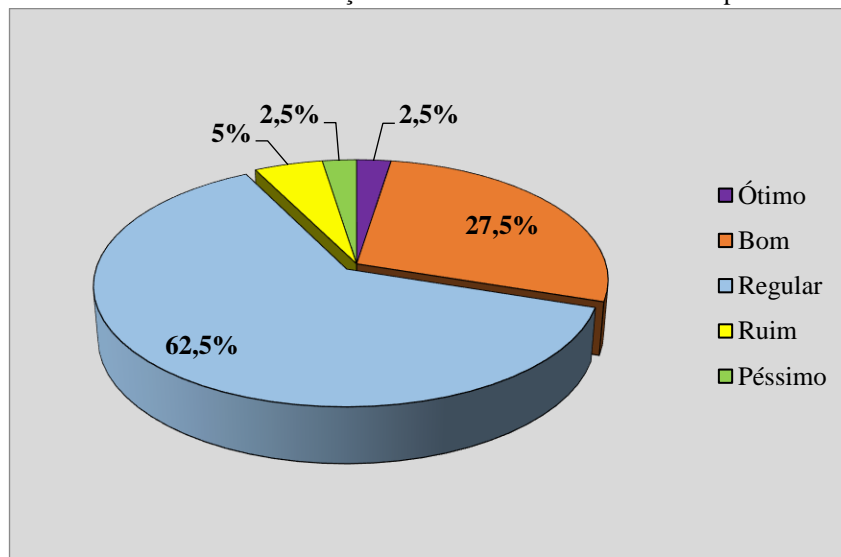
Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

Santos, Ferreira e Santos (2014) frisam a importância de proporcionar aos feirantes melhores condições de trabalho. Já Silva e Oliveira Junior (2012) relatam através de depoimento feito pelos feirantes da feira livre da Cidade Nova na Bahia que a atuação do poder público é péssima e que suas práticas ficam restritas aos períodos eleitorais, para obtenção dos votos, disponibilizando apenas o mínimo para que consigam desenvolver suas atividades.

Situação semelhante foi exposta por alguns entrevistados das feiras do município de Macapá, quando confrontados sobre as taxas que viriam a pagar e sobre o responsável por gerir as feiras, os mesmo informaram que o poder público durante as eleições até promete a construção de novas feiras, no entanto, após passar o período eleitoral são esquecidos novamente,

Por fim, foi perguntado qual a classificação que os entrevistados atribuíam a comercialização de pescado atualmente, e apenas 2,5% dos entrevistados disseram que as vendas estão ótimas, a maioria 62,5% disseram que as vendas estão regulares (gráfico 11), ocorrendo, obviamente alguns picos de melhora, apenas no dia do pagamento e no máximo dois dias depois e próximo de feriados (como semana santa, por exemplo.).

Gráfico 11 - Grau de satisfação dos feirantes com as vendas de pescado.



Fonte: Pesquisa de campo das autoras, 2016.

Em relação ao grau de satisfação com as vendas o resultado reflete um cenário de baixa de vendas em todo comércio e isso não é diferente nas feiras livres de Macapá o que pode ser explicado pelo fato de o País enfrentar no atual momento o cenário de déficit econômico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstra que mesmo diante de uma diversidade de problemas enfrentados pelos vendedores de pescado das feiras livres de Macapá, atualmente essa atividade e a existências das feiras tem sua importância na geração de emprego e renda para as famílias que encontram nesse setor da economia mesmo que de modo informal uma oportunidade de trabalho que em sua maioria é a única fonte de renda destas famílias.

Dentre os principais problemas enfrentados pelos vendedores de pescado nas feiras livres de Macapá do Buritizal, Novo Horizonte, Perpétuo Socorro e Pacoval destacou-se os problemas relacionados à infraestrutura, geração e descarte de resíduos, falta de apoio governamental e questões relacionada a segurança pública.

A contribuição das feiras livres para a geração de emprego e renda no município de Macapá é inegável, pois 97,5% dos entrevistados tem no trabalho na feira sua única fonte de renda, com geração de 1 a 2 posto de trabalhos e com renda entre 2 e 3 salários mínimos (maior parcela dos entrevistados), mesmo tendo sido feito o estudo apenas com os vendedores de pescado outros estudos reforçaram que essa é uma realidade de outros tipos de comercialização principalmente os relacionados a produtos oriundos da agricultura familiar.

Neste sentido, percebemos a relevância das feiras livres da cidade de Macapá no que tange o desenvolvimento socioeconômico. Tal fator exige, portanto, um maior investimento de políticas públicas e planejamento de serviços urbanos que atenda a necessidade de estruturação desses espaços para melhor desempenho das atividades existentes bem como o fomento da produção e comercialização local.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, D. M.; LINS, J. L. F.; TAVARES, A. S.; SILVA, J. SILVA, V. M.; BORDINHON, A. M. Aspectos de aquisição e consumo de peixes na feira livre da cidade de Penedo –Alagoas. **Revista Bol. Inst. Pesca**, São Paulo, v.41, n. 2, p. 429-440, 2015.

BRASIL, Ministério da Pesca e Aquicultura. 2009. Folder. **O brasileiro está comendo mais pescados**. Disponível em: <<http://www.mpa.gov.br/mpa/seap/Jonathan/mpa3/docs/folder.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

BRASIL. **Decreto nº 30.691 de 29 de março de 1952**. Regulamento da inspeção industrial e sanitária de produtos de origem animal– RIISPOA.

COUTINHO, E. P.; NEVES, H. C. da N.; NEVES, H. C. da N.; SILVA, E. M. G. da. Feiras livres do brejo paraibano: crise e perspectivas. In: **XLIV CONGRESSO DA SOBER “Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento”**. Fortaleza-CE, 2006.

COUTINHO, E. P.; SILVA, M. J. da; FRANCISCO, M. S.; SILVA, J. M. S. da; AZEREDO, L. P. M.; OLIVEIRA, A. T. Condições de higiene das feiras livres dos municípios de Bananeiras, Solânea e Guarabira. In: **X Encontro de extensão – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**, João Pessoa-PB, 2007.

FARIAS, K. C.; MARTINS, F. F. F.; MARTINS, F. F.; MOREIRA, I. C. M.; JALES, K. A.; ALENCAR, T. C. S. D.; SILVA, M. M. G. Avaliação das condições higiênico-sanitárias de alimentos comercializados no mercado municipal e na feira livre do município de Hidrolândia-CE. In: **V Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica - CONNEPI 2010**, Maceio, 2010.

FERREIRA, M. W.; SILVA, V. K.; BRESSAN, M. C.; FARIA, P. B.; VIEIRA, J. O.; ODA, S. H. **I. Pescados processados: maior vida de prateleira e maior valor agregado**. Boletim de extensão rural – Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, 26 p., 2002.

LELIS, J. L.; PINTO, N. M. de A.; FIÚZA, A. L. de C.; DOULA, S. M. Vínculos de sociabilidade e relações de trocas entre feirantes de Viçosa, MG. **Revista Oikos** (Viçosa, MG), v. 21, p. 46-63, 2010.

LIMA, Tiago Charles de; CÂMARA, Talita Marinho da. Importância Cultural da Feira Livre para a População do Município de Parnamirim/RN. In: **Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação, Maceió-AL**, 22 p., 2010.

LIMA, V. M. M.; SANTOS, M. M.; MARQUES, E.; CESARINA, A., SOARES E. C. Plano de manejo pesqueiro e comercialização do pescado na cidade de Penedo, estado de Alagoas, Brasil. **Rev. Bras. Eng. Pesca**, v. 5, n. 3, p. 9-22, 2010.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Miriam C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Revista Ateliê Geográfico**. Goiânia v. 2, n. 2, agos. 2008 p.72-87.

MORAIS, I. R. D.; ARAÚJO, M. A. A. de. Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN). **Revista Caminhos de Geografia**. v. 23, n.17, p. 244 - 249, 2006.

OLIVEIRA, K. V. de; SANJINEZ-ARGANDOÑA, E. J.; CHUBA, C. A. M. Avaliação do perfil dos feirantes da cidade de Dourados-MS na comercialização de produtos alimentícios. **In. 8º ENEPE UFGD e 5º EPEX UEMS** (Encontro de ensino, pesquisa e extensão universitária). Dourados-MS, 9 p., 2014.

PINTO, R.M.; SILVA, V.G.V.; SHIMODA, E. PEREIRA, V.F. **Perfil do consumidor de pescado no município de Campos dos Goytacazes – RJ**. *Perspectivas Online – ciências humanas e sociais aplicadas*. v. 4. n. 1, p. 25-36. 2011.

RICOTTO, A. J. **Uma rede de produção e comercialização alternativa para a agricultura familiar: o caso das feiras livres de Misiones, Argentina**. Porto Alegre, RS. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

ROCHA, C. H.; COSTA, C.; CASTOLDI, F. L.; CECCHETI, E. O. C.; LODI, B. S. Perfil socioeconômico **dos feirantes e consumidores da feira do produtor de Passo Fundo, RS**. *Revista Ciência Rural*. v. 40, n.12 p. 2593-2597, 2010.

SALES, Aline Pereira; REZENDE, Liviane Tourino; SETTE, Ricardo de Souza Sette. **NEGÓCIO FEIRA LIVRE: UM ESTUDO EM UM MUNICÍPIO DE MINAS GERAIS**. **In: III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho**. João pessoa: ENGPR, 2011.

SANTOS, A. R. A feira livre da Avenida Saul Elkind em Londrina-PR. **GEOGRAFIA: Revista do Departamento de Geociências**. v. 14, n. 1, 2005.

SANTOS, Margarete Silva dos; FERREIRA, Daíse de Jesus; SANTOS, Rosângela Leal. A feira livre como alternativa de geração de renda para agricultura familiar no município de Santo Estevão-BA. **In: IV Congresso Iberoamericano de Estudios Territoriales Ambientales**. São Paulo: Estudios Territoriales, 2014.

SILVA, A. E. B. da. **Antropologia na cidade: uma etnografia das “trocas” e sociabilidades entre os feirantes e frequentadores da feira de Redenção-CE**. 10 p., 2015. Disponível em: <http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1019942_19_06_2015_15-54-59_2816.PDF>. Acesso em: 15 nov. 2016.

SILVA, Edmilson Menezes da; SILVA, Josefina Menezes da; SANTOS, José Edmundo dos; SANTOS, Moisés Augustinho dos; NUNES, Cláudia. **Desenvolvimento econômico e social da feira livre de Umbaúba, 1989 a 2009**. Publicado em 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-desenvolvimento-economico-e-social-da-feira-livre-de-umbauba-1989-a-2009/33163/#ixzz4UKb2Do4U>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

SILVA, L. A. da S. e; OLIVEIRA JUNIOR, I. de. Os agentes produtores do espaço na organização espacial da feira-livre do bairro Cidade Nova. **In. Anais do Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia**, 14 p. 2012.

SILVA, R. A. R.; SILVA SOBRINHO, R. D.; CIPRIANO, R. J.; SILVA, S. M.; SILVA, M. S. **DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PARA A MELHORIA DA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE AREIA**. **In: IX Encontro de Extensão - X Encontro de Iniciação à Docência, 2007, João Pessoa - PB. Desafios da indissociabilidade entre ensino e extensão**. João Pessoa - PB: UFPB, 2007.

SOUSA, E.; ALVES, R. J. M.; SILVA, J. M.; DIAS, N. M.; SILVA, L. C. Prospecção socioeconômica em feiras livres: o caso do Complexo do Ver-o-Peso, Belém, Pará, Brasil. **Revista Espacios**, v.38, n.36, 2017.

VAZ, L. M. S.; COSTA, B. N.; GUSMÃO, O. da S.; AZEVEDO, L. S. **Diagnóstico dos resíduos sólidos produzidos em uma feira livre: o caso da feira do Tomba**. *Sitientibus*, Feira de Santana, n 28, p. 145-159, 2003.

VEDANA, V. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, 2013.

XAVIER, A. Z. P.; VIEIRA, G. D. G.; RODRIGUES, L. O. M.; VALVERDE, L. de O.; PEREIRA, V. S. **Condições higiênico-sanitárias das feiras-livres do município de Governador Valadares**. 2009. 95 f. Monografia (Bacharel em Nutrição). Universidade Vale do Rio Doce - Faculdade de Ciências da Saúde, Governador Valadares-MG.

YAMAMOTO, N. S.; BRANCO, C. P.; SANTOS, J. L. Avaliação qualitativa de pescado comercializado no município de Santos. SP. **Revista Ceciliana**, v. 4, n. 1, p. 72-77, 2012.